

Imagens do Brasil na literatura infantojuvenil do século XVIII até a primeira metade do século XX.

Franz Obermeier (Universidade de Kiel)

Metodologia

A pesquisa no Brasil sobre a literatura infantojuvenil inicia-se com a figura central de Monteiro Lobato (1882-1948), justamente visto como fundador de uma *Literatura Brasileira* para jovens. Minha pesquisa centra-se, no entanto, no período anterior (considerando, no caso especial da literatura alemã, a fase até o fim da Segunda Guerra Mundial, incluindo o período do governo nazista de 1933 a 1945).

Essa literatura vem escrita em sua maioria em países europeus ou norte-americanos para o público dos jovens desses países. Consideramos exclusivamente livros ficcionais ou semi-ficcionais da literatura infantojuvenil. Não falamos de livros de geografia escolar ou de livros de aventura (no caso do tema do Brasil se pode pensar aqui nas obras de Friedrich Gerstäcker). O presente trabalho é uma apresentação preliminar de resultados que ulteriormente serão referidos com mais pormenores em outra publicação.

Quanto ao total do número de livros para jovens, ele pode parecer menor comparado com o que sabemos da história editorial para a literatura infantil em geral. Encontrei até agora 43 livros em alemão (até 1945) e 37 livros em outras línguas (até 1920, em inglês e francês). Os livros em português não contam também porque já existem pesquisas sobre eles (Marisa Lajolo/Regina Zilberman: 1985, p.32-39). Vou tratar deles na mencionada publicação posterior.¹

¹ Ver sobre os livros portugueses com tema do Brasil Franz Obermeier: *Jugendliteratur aus und über Brasilien im 19. Jahrhundert und zu Beginn des 20. Jahrhunderts. Zur Entstehung einer eigenständigen brasilianischen Jugendliteratur*, em: Ludger Scherer /Roland Ißler (ed.), *Kinder- und Jugendliteratur der Romania: Impulse für ein neues romanistisches Forschungsfeld*, (Kinder- und Jugendkultur, -literatur und -medien: Theorie - Geschichte – Didaktik, 96), Frankfurt am Main: Lang 2014, p.369-403, aqui 385-396.

Um dos primeiros livros é *Robinson Crusóe* (1719), de Defoe. Antes de perder-se como náufrago numa ilha - com as conhecidas consequências literárias -, o protagonista é plantador no Brasil, apesar de esse fato ser desenvolvido apenas na trama do livro. Há uma vasta literatura de “Robinsonadas”, imitações do tema principal e adaptações, mas só em poucos desses livros a parte do Brasil foi amplificada. É o caso de *Der Lerchenfelder Robinson*, de Franz Rittler (1782 Brieg na Silésia-1845 Viena), publicado em Viena: Lechner em 1826.² Já em 1791, foi publicado *Der Steyerische Robinson oder Reise und besonders merkwürdige Begebenheiten des Joseph Müller* (Viena: Mößle, 1791)³ anonimamente. Sabemos hoje em dia que o autor talvez tenha sido o jornalista Joseph Karl Kindermann (1744, Budapeste-1801, Viena). Ele conhecia a Ásia, mas a parte sobre o Brasil ele deve ter copiado (sem citar a fonte) do primeiro livro sobre o Brasil do século XVI de Hans Staden, *Warhaftige Historia*, Marburgo 1557 (edição crítica por Obermeier, 2007).

Do livro de viagens ao livro de aventuras

A maioria dos primeiros livros infantojuvenis sobre o Brasil do século XIX e do início do século XIX são adaptações de livros de viagens. O conhecido Joachim Heinrich Campe (1746-1818) publicou na sua coleção *Sammlung interessanter und durchgängig zweckmäßig abgefaßter Reisebeschreibungen für die Jugend* (Braunschweig: Schulbuchhandlung, 1788) como quarto volume *Traurige Schicksale der Madame Godin des Odonais auf einer Reise von Riobamba ohnweit Quito in Peru durch das Amazonenland* (p.1-30). O relato dessa viagem espetacular de uma mulher (sem o marido, mas com criados) foi publicado pela primeira vez por Charles-Marie de La Condamine (1701-1774) como parte da segunda edição de uma versão abreviada do seu livro de viagem, com o título *Relation abrégée d'un voyage fait dans l'interieur de l'Amerique Meridionale* (Maestrich: Dufour & Roux, 1778).

No século XIX é suficiente mencionar as várias versões para crianças dos livros de viagens de Maximilian de Wied-Neuwied e dos naturalistas Spix e Martius para determinar a importância do gênero. Também muitos livros ingleses aproveitaram-se do material, sobretudo naturalistas em livros de viagens, para conferir mais autenticidade às suas obras.

² Ver <http://books.google.com>.

³ Ver <http://www.archive.org/details/dersteyerischer00kranuoft>.

As regiões do Brasil em que os livros eram ambientados são variadas. A região que normalmente é mencionada é o Rio de Janeiro. Nesses livros, há frequentemente a tendência de evitar o Brasil europeizado e buscar uma natureza e indígenas vivendo ainda no seu estado natural. Uma das publicações que fogem a essa tendência é um livro de viagens de um jovem alemão no sul do Brasil que relata a visita à sua família, cujos membros viviam lá como colonos (Hans Hofmann, *Nach Brasilien und zurück in die Heimat*, Tagebuchblätter, Esslingen: J.F. Schreiber 1879). Há um outro tipo de livros de viagens fictícios, presentes em vários países. São livros mais informativos, embora com um fundo fictício. Como exemplo, pode-se citar: Thomas W. Knox, *The Boy Travellers in South America* (New York: Harper & Brothers 1885⁴), parte de uma série de livros do mesmo tipo e amplamente ilustrados sobre outras regiões.

A região da Amazônia é mais frequentemente o palco das aventuras, e isso se dá por razões sócio-culturais: essa parte do Brasil era muito pouco conhecida antes da exploração dos seringueiros para a extração da borracha, iniciada na segunda metade do século XIX, e encontrou um interesse maior também da parte de geógrafos e, mais tarde, etnólogos.

Temas recorrentes da literatura infantojuvenil sobre o Brasil

A emigração para o Brasil

Na análise dos temas recorrentes, uma das nossas tarefas será separar temas comuns à literatura para crianças e jovens de temas que aparecem mais especificamente relacionados ao Brasil, e, sobretudo, de que modo é refletida a realidade sócio-cultural do país, levando em conta as mudanças sociais. Inclui-se nesta categoria também aqueles que querem dar uma visão aos seus leitores quase exclusivamente correspondente aos estereótipos tradicionais.

No caso do Brasil, o século XIX comportou desenvolvimentos sociais maiores. No século XIX teve início uma forte imigração europeia (não só alemã) para o sul do país, e esse processo encontrou também rapidamente uma resposta literária. O texto mais conhecido talvez seja o livro de Amalia Schoppe intitulado *Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha* (Berlim: C.F. Amelang 1828⁵, 2ª edição em 1852), que foi também traduzido para o francês em várias versões (Ilustração 1). A história é simples: o filho de uma família alemã de imigrantes no Brasil é escravizado por causa das dívidas da família; ele

⁴ Ver <http://www.archive.org/details/boytravellersins00knox>.

⁵ O texto encontra-se em: <http://www.digibib.tu-bs.de/?docid=00000178>.

trabalha como jardineiro no jardim imperial e é absolvido por um ato de graça da Imperatriz Leopoldina, de ascendência austríaca. A visão negativa da colonização como uma quase escravidão era comum na Alemanha da época. A característica do livro de Schoppe é (à parte o aspecto sentimental que combina pura fantasia e simbologia) que a salvação da família do héroi não vem das possibilidades econômicas do trabalho, mas de um ato de bondade (arbitrário) da Imperatriz, derivando daí o caráter de uma mulher sensível à miséria dos seus compatriotas. Amalia Schoppe nunca esteve no Brasil. Ela tomou um tema sentimental e o situou no contexto histórico da imigração alemã no Brasil.

Outra pessoa que compreendeu a possibilidade de usar a literatura popular para impedir a emigração foi Roberto Avé-Lallemant, um médico alemão que conhecia o país da longa prática de sua profissão no Rio de Janeiro. Ao chegar novamente ao Brasil, o governo deu-lhe a possibilidade de viajar por todo o país. Ele publicou *Am Mucuri, eine Waldgeschichte aus Brasilien zur Erläuterung, Warnung und Strafe für Alle, die es angeht* (Hamburg: Perthes-Besser & Mauke 1859⁶), baseando-se em informações autênticas encontradas nessa viagem sobre a vida miserável dos colonos. O livro não foi escrito para crianças, mas usa a forma da literatura simples com pretensão de autenticidade para provocar um debate político na Alemanha. Mais tarde, ele mudou um pouco as suas ideias e propagou a imigração alemã no sul do país como recomendável para os alemães. Publicou também, em 1871, uma adaptação do livro de Staden sobre o Brasil para jovens e emigrantes, com o título *Hans Staden von Homberg bei den brasilianischen Wilden oder die Macht des Glaubens und Betens* pela editora da “Rauhes Haus”, uma das primeiras instituições de educação que se ocupou da classe trabalhadora das grandes cidades, fundada pelo pastor Johann Hinrich Wichern (1808-1881) em Hamburgo. É de supor que esse livro tenha sido uma encomenda de Wichern a Avé-Lallemant, que morava perto dali, em Lübeck. O livro ressalta o aspecto moral, a consolação da fé que ajudou Staden a sobreviver ao seu cativeiro entre os índios antropófagos e prefigura o célebre livro de Monteiro Lobato *Aventuras de Hans Staden*, de 1928. Como muitos livros da época, ele faz parte da literatura infantojuvenil, além de considerar como público os leitores das classes mais baixas, entre eles muitos imigrantes.

Um outro livro que trata do tema da emigração é de Marie von Roskowska (1828-1889), autora esquecida de novelas e contos, que publicou em 1862 em Bromberg, na editora de

⁶ Versão digital em: <http://dibiki.ub.uni-kiel.de/viewer/resolver?urn=urn:nbn:de:gbv:8:2-206779>.

C.M. Roskowski, provavelmente um parente seu, o título *Deutsche Sklaven oder Colonisten in Brasilien, Erzählung für die Jugend und das Volk*. É evidente que o livro, hoje bastante raro, foi impresso para a distribuição nas proximidades do lugar onde viveu a autora, como um apelo aos leitores no seu meio (Bromberg, hoje Bydgoszcz, na Polônia, uma região pobre com alto índice de emigração) para não se decidirem por uma emigração perigosa.

O que fazem os europeus no Brasil?

Na maioria dos livros de literatura infantojuvenil, o tema mais frequente para as aventuras tem uma função pragmática e liga-se à história do desenvolvimento psicológico do jovem herói. Um outro tema recorrente é a busca pelo pai no país. Muitos jovens heróis têm como motivo para a viagem ao Brasil o desejo de encontrar um pai perdido por lá e restituir a integralidade da família e o seu bem-estar econômico. O motivo da busca pelo pai é recorrente na literatura infantojuvenil, mas que função especial tinha nos livros sobre o Brasil? O que faziam os pais no Brasil? O trabalho adequado para um europeu no Brasil seria, para os escritores da época, o de fazendeiro, administrador de uma fazenda ou mercador. As divergências dessa regra são significativas: uma variedade desse motivo é o exílio voluntário do pai no Brasil depois da perda da posição social no país natal - seja por falência, seja pela perda da honra, que necessariamente tinha origem incerta. A ideia era que, mais tarde, o filho restituísse a honra do pai e voltasse com ele para o país natal, ou pelo menos alcançasse outra vez uma riqueza suficiente para reintegrar-se ao nível social que a família havia perdido. Outro tema abordado que reflete a situação desse pai no Brasil é o seguinte: se ele não tem as possibilidades econômicas de viver como fazendeiro, ele normalmente escolhe uma vida solitária e reclusa: esse tema certamente reflete uma concepção social europeia. Um europeu só poderia viver com dignidade no Brasil se a sua ocupação correspondesse à sua classe alta representada nos livros, ou seja, como negociante ou como fazendeiro. Segundo essa concepção, ele não tinha necessidade de exercer trabalho braçal. A exceção dos colonos rurais será abordada posteriormente. Um exemplo nesse sentido é de Ottokar Schupp, *Die Ehre des Vaters, eine brasilianische Geschichte* (Wiesbaden: Niedner, 1881). Nessa obra, o pai é acusado no país natal de ter desviado dinheiro. O filho o encontra no Brasil, onde ele vive incógnito como administrador, e seu delito é esclarecido, uma vez que alegou que havia feito aquilo só para proteger seu irmão, que tinha perdido somas imensas num jogo de azar. Outro exemplo: Sophia Wörishöffer (1838 Pinneberg -1890 Altona, ela escreveu com um semi-pseudônimo masculino "S.", evitando seu prenome feminino), *Die Diamanten des Peruaners* (Bielefeld;

Leipzig: Velhagen & Klasing, 1889). O livro fala sobre uma viagem pela Amazônia. Mais uma vez, é um filho que busca o pai desaparecido por misteriosas razões de perda de honra (e que estava exilado por causa de uma mentira do seu irmão). O filho o encontra como fazendeiro no Peru. Volta com ele (depois de ter renunciado a diamantes associados a uma história aventureira bastante artificial de um amigo do pai) e restitui a sua honra. Há variações desse tema, como a história de Karl Tanera (1849 Landshut, Niederbayern-1905 Lindau) *Heinz der Brasilianer* (Leipzig: Hirt, 1904). Desta vez é um jovem em busca da irmã, desaparecida depois da morte do tio que a educou; o herói se encontra com ela na batalha final da guerra dos Canudos, contra os partidários de Antônio Conselheiro, em 1897. Tanera, que foi militar e autor de livros de jovens, esteve por acaso no Brasil durante essa guerra. Isso se deveu à vasta propaganda e ao extraordinário livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Esse acontecimento histórico foi fundamental para a afirmação da jovem república brasileira. Outra variante é o livro de A.[thenaea] Passow, *Wolf Ditfurths Abenteuer im Amazonasthale, eine Erzählung für die reifere Jugend* (Leipzig: Wigand [1893]). O livro é uma adaptação de um texto inglês de aventuras, escrito por James W. Wells, *The Voice of Urbano* (Londres: Allen, 1888), mas o tema anterior da perda de honra foi introduzido só na adaptação por Passow. A perda da fortuna do pai é aqui anterior ao início da narração: o pai de Wolf Ditfurth foi um armador de Bremen que, depois da falência, foi ao Brasil trabalhar como comerciante, mas morreu. O filho toca o negócio depois da morte do pai, mas é enganado por um outro comerciante. Ele, no entanto, luta para recobrar seu dinheiro, incluindo uma viagem para a Amazônia e muitas outras aventuras. No fim das contas, fica rico e volta para a pátria alemã com a honra salva.

O Brasil, antes de tudo, é apresentado como um país que permite que se enriqueça através da exploração do trabalho escravo e das riquezas naturais. Na época romântica, essa ideia é explorada pela aquisição de uma riqueza imediata através da exploração de diamantes, como no livro de Gustav Horn (pseudônimo de Friedrich Wilhelm Philipp Oertel, pastor protestante e escritor semi-profissional de literatura infantojuvenil) intitulado *Diamantina, eine Geschichte, der Jugend und dem Volke erzählt* (Wiesbaden: Kreidel und Niedner [1860]). O livro narra a história de um filho mimado que vai ao Brasil e é obrigado a trabalhar nas minas como os escravos. É solto por um inspetor por ordem da Corte e descobre, nesse momento, oportunamente, um imenso diamante. Depois, torna-se comerciante de diamantes e volta rico para a pátria. Um amigo seu, um escravo fiel, representa o estereótipo do “bom escravo” durante o tempo nas minas.

Outro tema é a propagação de um protestantismo como religião interiorizada. No livro *Transito*, de Emma E. Hornibrook, publicado em 1887 e depois novamente com o título *The Spanish maiden, a Story of Brazil* (Londres: Partridge & Co., 1895), uma criança adotada se revela ser a filha de um nobre espanhol e propaga a ideia de uma missão protestante no Brasil (simbolizado pelo termo “trânsito” que significa aqui “adotando lentamente a religião protestante”). A heroína vive no Brasil, na fazenda do irmão da sua madrasta. O aspecto religioso protestante predomina no texto. Em outro livro do século XX, de Bessie Marchant (casada Comfort 1862-1941), *Lois in Charge, or, a Girl of Grit* (Londres: Blackie & Son [1918]), a heroína Lois precisa cuidar da fazenda do meio-irmão, sem que a autora ofereça com isso aos seus leitores vitorianos uma visão mais moderna do papel da mulher numa sociedade dominada pelo homem.

Aventuras de jovens ingleses ou americanos no Brasil

Um dos maiores desenvolvimentos literários da literatura infantil no século XIX é o fato de o tema estar ligado a *aventuras* de um adolescente ou jovem num país estrangeiro, na maioria dos casos acompanhado por um companheiro da mesma idade e de vez em quando ajudado por outras pessoas. Os melhores produtos dessa literatura no nosso campo são do escocês Robert Michael Ballantyne, com *Martin Rattler, adventures of a boy in the forests of Brazil* (London: Nelson 1858), e do americano Thomas Mayne Reid (1818, Ballyrony, perto de Belfast-1883 Londres), com *The Forest Exiles* (London: Ticknor and Fields 1854),⁷ traduzido para várias línguas (Ilustração 2). Em alemão, a adaptação é de Karl Müller com o título *Die jungen Canoéros des Amazonen-Strom, ein Naturgemälde aus dem tropischen Südamerika zu Lust und Lehre für die reifere Jugend gebildeter Stände* (Breslau: Trewendt, 1860). Müller continuou o livro que foi um sucesso com *Die Heimkehr der jungen Canoéros, ein Naturgemälde aus dem tropischen Südamerika zu Lust und Lehre für die reifere Jugend gebildeter Stände* (Breslau: Trewendt 1877).

O mérito de Ballantyne foi o de adaptar o modelo de *Robinson Crusoe* para os jovens da época vitoriana, introduzindo locações exóticas e aventuras extraordinárias. Ainda maior foi a recepção de Mayne Reid, que foi traduzido para todas as grandes línguas europeias, mas é até agora talvez mais conhecido e publicado na Rússia do que em países anglófonos. Seus livros

⁷ Edição de 1855: http://www.archive.org/details/Captain_Mayne_Reid_The_Forest_Exiles.

tinham a grande vantagem na época de apresentar aos seus leitores aventuras sem grande ideologia didática ou imperialista.

“Dime novels”: livros de alta tiragem e pouco valor literário

No início do século XIX, a grande maioria dos autores de livros infantojuvenis era composta de pastores que queriam disponibilizar aos jovens (e ao povo) da época livros simples que eles consideravam de qualidade literária melhor, na medida em que continham ou ilustravam as crenças ideológicas e religiosas dos autores e mantinham um nível elevado na escrita. Na metade do século, temos os primeiros autores profissionais que se especializam na literatura para crianças e em que o aspecto aventureiro e popular se impõe. No fim do século, com a invenção de métodos de confecção de livros mais baratos e com a introdução da escolarização obrigatória, havia uma necessidade maior de novos livros, que foi atendida a um custo menor. Quando iniciou a oferta desse tipo de livros populares nos Estados Unidos, em torno de 1859, eles foram chamados de *dime-novel*, cuja origem vem de “dime”, uma moeda de baixo valor para um exemplar desses livros, cuja tiragem era maior e, portanto, muito mais barata.

Um dos mais célebres autores dessa época é Edward Stratemeyer (1862 Elizabeth, Nova Jersey –1930 Newark, Nova Jersey). Publicou, com a ajuda de colaboradores e usando um grande número de pseudônimos, mais de 150 títulos, alguns agrupados em séries com os mesmos heróis, agindo em grupos. Em 1905, fundou a editora *Stratemeyer Literary Syndicate* em Nova York. Tinha um sucesso enorme, pois seus livros eram produtos fáceis e de consumo rápido. Sobre o Brasil, escreveu *Young Explorers on the Amazon or American Boys in Brazil* (Boston: Lothrop, Lee, & Shepard, 1904). O esquema é facilmente adaptável a todos os países. Em vez de um ou dois heróis, vem um grupo de jovens americanos ao Brasil. Os jovens viajam a turismo, mas o autor quer mostrar também que a viagem nesse país exótico serve para fortalecer seu caráter física e moralmente. Isso corresponde a um ideal norte-americano da época. Há sempre um tipo mais fraco, efeminado, chamado aqui de “dude” em inglês. Como momento de suspense, é introduzido um inimigo criminoso, que será facilmente punido pelos jovens, que no fim já anunciam outras viagens. No livro de William James Henderson, *Afloat with the flag* (Nova York: Harper & Brothers [1895]), um jovem norte-americano, fugindo da autoridade do pai que lhe negou o sonho de fazer-se marinheiro, foge na marinha brasileira e é salvo do pai durante a revolta marinha no Rio em 1893/94, submetendo-se no final ao pai.⁸

⁸ A edição de 1898 encontra-se em: <http://www.archive.org/details/afloatwithflag00hendgoog>.

Os brasileiros como tema na literatura juvenil

A maioria dos livros foi bem documentada em relação à natureza do país. Nesse sentido, encontrava-se disponível um grande número de livros de viajantes ou etnólogos, biólogos ou antropólogos, de onde se podia copiar os dados necessários. Aparecem em quase todos os livros descrições da morte de uma onça ou de outros animais típicos do país, como anacondas. O mais interessante para nós é o que foi tematizado da vida social brasileira e da estratificação da sociedade brasileira.

Sabemos que na literatura brasileira da época o papel dos escravos como heróis foi menor. Nos primeiros livros para crianças, como os mencionados de Schoppe ou de Horn, temos o tema do “bom escravo” que, com sua idealização, facilitou um esquecimento da verdadeira situação social dos escravos. No livro de uma autora francesa especializada em livros infantojuvenis na época, Julie Delafaye-Bréhier, *Les Portugais d’Amérique* (Paris: Lehuby, 1847⁹), encontramos o contrário, no contexto de um tema histórico da guerra holandesa-brasileira em 1635: os escravos têm exclusivamente o papel negativo de sequestrar os heróis por vingança (Ilustração 3). Os heróis portugueses aceitavam a escravidão, mas, por dever cristão, exigiam de si e do seu grupo social um bom tratamento dos seus subordinados. Uma pessoa que maltratasse os escravos era punida pelo seu destino com alienamento mental. A autora não condena a escravidão, que é vista como algo natural, vindo de Deus, e que deve ser suportado com paciência religiosa.

A alemã Julia Engell-Günther (1819-1910), baseando-se na sua experiência de ter morado alguns anos no Brasil, escreve, nos seus *Weihnachtsabende in Brasilien* (Berlim: Springer, 1862), mais crítica à escravidão, vista como desumana e também ineficiente, comparada com o rendimento econômico do trabalho de pessoas livres. O livro infantojuvenil serve aqui como quadro para a crítica social. O tema principal da autora é, portanto, outro: a situação dos colonos alemães no Brasil e, sobretudo, das mulheres, confinadas, assim, ao cuidado da casa e ao apoio moral dos maridos.

Na maioria dos livros, os escravos são simplesmente ausentes ou secundários. Outros grupos, como os mestiços, aparecem como servidores dos europeus ou brasileiros em papéis sociais

⁹ A edição pode ser lida em: <http://www.archive.org/details/lesportugaisdam00dela>.

inferiores. Os mestiços têm algumas vezes um papel negativo, sobretudo se têm uma função social mais alta, como de vigilantes nas fazendas (Passow, *Wolf Ditfurth*; Croy, *Français au Brésil*; Hornibrook, *Lois in charge*, Eduard Christophé, *Abenteuer am schwarzen Fluss*: nesse último como gerente de trabalhos numa barragem). No livro de Sophie Wörishöffer, escrito quando o imperialismo do jovem Reich alemão teve início, com a fundação de colônias próprias, temos o raro exemplo de clichês totalmente negativos: os negros que jogam capoeira aparecem como um grupo de assassinos que praticam sacrifícios horrendos, os pajés indígenas como criminosos e os indígenas, como tendo só recentemente abandonado o canibalismo.

Um outro exemplo de estereótipos negativos racistas contra as pessoas de cor seria de Reinhard Roehle, *Durch Urwald und Sertao*, Stuttgart: Union Verlag 1916. Outros livros, como o do francês Raoul de Croy, *Un Français au Brésil* (Limoges: Barbou, 1891¹⁰), são uma mistura de livro de aventura e livro para jovens e simplesmente minimizam a brutalidade da escravidão (além de conter também ideias antisemitas). Há, porém, livros em que o papel típico do inimigo dos jovens é um brasileiro, mas nem sempre. Há também exemplos de livros em que um brasileiro como personagem negativo, moralmente condenável, está ligado a um alemão de caráter negativo, os dois inimigos do herói (Carl Matthias, *Das Geheimnis des Brasilianers*, Stuttgart: Levy und Müller, 1904), e, como motivo de seus crimes, diz que trabalha para manter sua honra (criminosa).

No século XIX, é muito raro que um brasileiro ou um europeu nascido no Brasil sejam os heróis de uma história. Se for o caso, eles quase podem ser considerados “europeus” de coração, como que transferidos para outro ambiente. Como exemplo, temos William H.G. Kingston (1814, London-1880 Willesden), *On the Banks of the Amazon* (Londres: Nelson, 1872.¹¹). O herói dessa história que se passa no Peru e no Brasil em 1810 é Harry, nascido em Quito, filho de um comerciante espanhol, mas que tem sangue inca e um caráter de „a thorough Englishman at heart“ (p.17), para possibilitar assim uma identificação com os leitores. Em outro livro, de William Heard Hillyard, *The planter's son*, London: Groombridge & Sons 1861¹², a adoção e a educação assumidas por um inglês são a recompensa para o heroísmo de um jovem brasileiro, que salva uma criança inglesa num acidente (Ilustração 4).

¹⁰Ver <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k549969.r=francais+bresil.langEN>. Há uma outra versão idêntica com o título: *A la recherche de diamants dans l'Amérique équatoriale* (Limoges: Barbou freres, 1880).

¹¹ Disponível em <http://www.gutenberg.org/etext/21385>.

¹² Disponível em: <http://ufdc.ufl.edu/UF00026582/00001>.

Em Konrad Fischer-Sallstein, *Goldstrumpf, der Schützling des Capeiro-Indianers* (Berlim: Weichert, 1897), o filho de um colono alemão é o herói, mas a novela é uma mistura fantástica de motivos de Karl May e do livro de aventuras de A. R. Middletoun Payne, *The Geral-Milco; or, The narrative of a residence in a Brazilian valley of the Sierra-Paricis* (Nova York: Norton, 1852 — a segunda edição é de 1854, com o título *Rambles in Brazil, or, A peep at the Aztecs*), que inventou a história dos misteriosos descendentes incas que sobreviveram na América do Sul. Esse tema também aparece em Raoul de Croy, *Un Français au Brésil*, 1891, em que, ridiculamente, o último descendente dos incas aparece como um nobre ao comportamento europeu.

A visão dos indígenas é na maioria dos casos negativa, só parecem simpáticos quando, por razões dramáticas ou por serem mais civilizados, apóiam os europeus. Os europeus têm clara função civilizadora, como no caso do velho Urbano, em *The Voice of Urbano, a romance of adventure on the Amazons* (Londres: Allen, 1888, modelo para o livro alemão de A. Passow: *Wolf Ditfurths Abenteuer im Amazonasthale* [1893]).

Os indígenas também sequestram europeus, como em Julie Delafaye-Bréhier, *Les Portugais d'Amérique, souvenirs historiques de la guerre du Brésil en 1635* (Paris, 1847); em Konrad Fischer-Sallstein *Goldstrumpf, der Schützling des Capeiro-Indianers* (Berlim: Weichert, 1897, onde há também um indígena positivo, segundo o clichê de Karl May); há outro caso de sequestro em Dora B. Mac Kean, *The fortunes of Philip Chester* (Londres: Wells Gardner, Darton & Co., 1907). O mesmo tema (uma jovem sequestrada) aparece em *A travers la forêt vierge, aventures extraordinaires de deux jeunes français au Brésil*, (Paris: Lib. Gedalge [1907], dos irmãos René Guyon e Charles Guyon. Outro exemplo: Reinhard Roehle, *Durch Urwald und Sertao* (Stuttgart [1916]).

Os indígenas aparecem como inimigos dos colonos, como, por exemplo, os índios bugres (Kaingang) numa fase já passada da colonização alemã em Funke, *Unter den Coroados* (Leipzig: Teubner, 1905).

Motivos dos autores para tratar o tema do Brasil

Os primeiros autores de literatura infantojuvenil foram pastores alemães do século XIX que tinham a intenção de criar livros interessantes para um jovem leitor, evitando as facilidades da

literatura trivial. Ainda em 1882 o professor de escola Johannes Baumgarten dá como justificativa para seu *Abenteuerleben in Guyana und am Amazonas nach Selbsterlebnissen von Émil Carrey, Bouyer, Jusselain, Agassiz u.a.* (1ª edição, Stuttgart: Rieger, 1877, 2ª edição ampliada, Stuttgart: Rieger, 1882¹³) o fato de que havia poucos livros de bom nível que combinassem informações regionais com uma história interessante em alemão (Ilustração 5). O mesmo motivo vale para alguns livros estadunidenses escritos para as “Sunday Schools”, muitas vezes organizadas por congregações religiosas. Temos, como exemplos de livros que tratam do Brasil, o de Mrs. D. P. Sanford, *The Captain's Children* (1880¹⁴, Ilustração 6), e três livros com aventuras de caça: William Morrison sobre o personagem *Charley Circus* no Brasil, *Charley Circus “among the Indians of Brazil”* (Nashville: M.E. Church, 1913), *“hunting and trapping in Brazil”* (Nashville: M.E. Church 1914), *“in the Wilds of Brazil”* (Nashville: M.E. Church 1913/1914). Nesse contexto, poderiam também ser mencionados os textos missionários ou semelhantes como Marian Calhoun Legaré Reeves [pseudônimo Fadette], *Sea drift* (Philadelphia: Claxton, Remsen & Haffelfinger, 1870¹⁵(Ilustração 7), em que uma moça loura descrita como angelical impressiona os índios com os seus cantos religiosos. Outro texto de missão protestante por meio de uma moça é *Izilda; a story of Brazil*, de Annie Maria Barnes (New York: Young People's Missionary Movement, 1896¹⁶). Temos um texto católico escrito por um irlandês que vivia nos Estados Unidos, Maurice Francis Egan, *In a Brazilian forest, and three brave boys* (Philadelphia: H. L. Kilner & co, 1898¹⁷), que, no contexto tradicional de aventuras, mostra o comportamento moral de jovens católicos no Brasil (perdão aos inimigos, orações frequentes). Do século XX pode-se mencionar *Der Engel der Sklaven, eine Erzählung aus Brasilien* (Aus fernen Landen, 21, Freiburg: Herder, 1906), escrito pelo jesuíta Ambosius Schupp no Brasil, que traz à tona motivos sentimentais do bom escravo e da influência positiva de uma criança depois de morta, o que vem diretamente do livro influente de Harriet Beecher Stowe, *Uncle Tom's Cabin* (Boston: John P. Jewett, 1852).

Na segunda metade do século XIX, temos mais autores profissionais que transpõem os temas da literatura trivial diretamente para a literatura infantojuvenil sobre o Brasil: orfãos que

¹³ O texto da segunda edição está em: <http://www.archive.org/details/abenteurerlebeni00baum>. Seu livro é, sobretudo, uma livre adaptação de dois livros franceses de Émile Carrey, *Huit jours sous l'Équateur - L'Amazone* (Paris: Michel Lévy, 1856 e *Les Aventures de Robin Jouet*, Tours: A. Mame et fils, 1864); a 2ª edição, Mame, 1865, acrescenta „en Guyane française“.

¹⁴ Disponível em <http://ufdc.ufl.edu/UF00026217/00001>.

¹⁵ Disponível em: <http://www.letrs.indiana.edu/cgi/t/text/text-idx?c=wright2;idno=wright2-2009>.

¹⁶ Versão digital em: <http://www.archive.org/details/izildaastorybra00barngoog>.

¹⁷ Ver <http://www.archive.org/details/inbrazilianfores00egan>.

fazem fortuna no Brasil: Dora B. Mac Kean, *The fortunes of Philip Chester* (1907), o mesmo tema em *Transito*, de Hornibrook, onde aparece o aspecto religioso da conversão dos católicos brasileiros ao protestantismo. Outro tema são as fortunas imensas que eram encontradas em aventuras incríveis, como em *Die Diamanten des Peruaners*, de S. Wörishöffer (1889). A riqueza pode também vir de um grupo de incas fantasticamente conservados no Brasil, como em Fischer-Sallstein, *Goldstrumpf, der Schützling des Capeiro-Indianers* (Berlim: Weichert, 1897).

Além disso, temas como a polêmica anticatólica encontram menor importância nos textos protestantes mencionados, mais explicitamente em David Ker, *Torn from its foundations, from Brazilian forests to Inquisition cells* (Londres: Andrew Melrose [1902]), uma história anticatólica situada na época colonial do Brasil sobre o bom tratamento dos escravos pelos ingleses protestantes, confrontado com o atraso da cultura católica que mantinha o mau tratamento dos escravos e referindo-se também ao tema tradicionalmente anticatólico da Inquisição.

O século XX e a literatura escrita por colonos alemães ou pessoas que viveram no Brasil.

Os livros de colonos alemães querem apresentar o sul do Brasil como um país quase dominado pelos alemães, e em que eles propagam a sua moral e seu caráter superiores aos dos brasileiros quase ausentes. Querem informar autenticamente sobre a vida numa colônia alemã, mas ao mesmo tempo utilizam tradições literárias (história indígena, história de aventuras) para garantir o sucesso dos seus livros na Europa. A ideologia dos autores consiste em uma visão dos alemães do sul do Brasil que viviam separadamente dos brasileiros numa região quase autóctone. A única exceção é o teuto-brasileiro Wolfgang Ammon (1869-1938) no seu único livro para jovens *Hänsel Glückspilz* (Curitiba: Schrappe, 1926), que é uma autobiografia ficcional sobre a formação de um jovem que se torna comerciante. Para o livro, ele escolhe um luso-brasileiro como herói que se identifica com a nação brasileira.

A maioria da produção literária de colonos alemães é, porém, direcionada à juventude alemã da pátria de origem. Isso porque muitos autores voltaram para a Alemanha depois de uma estadia no Brasil. O início se deu com Karl A. Wettstein, um ex-militar que escreveu sobre aventuras com filhos de colonos na mata brasileira. Foram escritos vários livros, na maioria dos casos de pessoas que tinham vivido na região. Alfred Funke, pastor, depois jornalista,

escreveu em *Unter den Coroados* uma história tradicional que liga o tema da novela indígena imensamente popular na época (Karl May) a aventuras nas colônias alemãs no sul do Brasil. Em Edgar Reinhold, *Die Ansiedler von São Paulo, eine Erzählung aus den Wildnissen Brasiliens* (Hamburg: Drei Türme Verlag, 1910), a história dos inícios difíceis da colonização alemã no Sul é ligada ao louvor e ao zelo trabalhador dos alemães. Em Reinhard Roehle, *Durch Urwald und Sertao* (1916), temos um professor alemão que vence os obstáculos de inimigos das suas pesquisas no Brasil e representa a civilização europeia como superior. Em Otto Promber, *Rolfs Abenteuer, Erlebnisse in den Urwäldern und Steppen Südamerikas* (Stuttgart: Loewe 1914, nova edição 1933), dois jovens colonos alemães vivem aventuras no mato: um morre, e o outro volta rico para a Alemanha com um diamante do amigo.

Kurt Böttner, por algum tempo professor na cidade de origem alemã no Brasil, chamada Blumenau, escreveu três livros para jovens sobre o sul do Brasil: *Hallo - Harald!* (Stuttgart: Loewe 1933); *Para Kaboklo* (Stuttgart:Loewe 1933) e *Vier Buben, drei Mädels* (Stuttgart: Loewe 1936). Em *Para Kaboklo*, a vida dos escoteiros na história já é organizada como um prenúncio das estruturas hierárquicas e do princípio de um líder (Führer) vigente durante a época nazista alemã. O livro é publicado em 1933, ano em que Hitler chegou ao poder. O tema da vida de acampamento já se encontrava presente em livros do século XIX como *On the Amazon; or, the cruise of "The Rambler" as recorded by "Wash"* (Philadelphia: Henry T, & Co., 1872) do médico e escritor Charles Asbury Stephens, que foi parte de uma série chamada *Camping-out series*. Böttner foi o primeiro a fundar grupos de escoteiros alemães em Blumenau, em 1913. Os outros dois livros são histórias de crianças nas colônias alemãs do sul do Brasil.

Em Heinz-Oskar Schönhoff, *Von Pampa, Urwald und Wasser* (Leipzig: A. Anton 1935), a ideologia campesina que os nazistas preconizavam é tratada em uma história ficcional. O problema abordado é se os alemães colonos no estrangeiro deveriam voltar à terra natal ou continuar a viver na sua nova pátria. No fim das contas, os velhos pais voltam, e o filho fica sozinho na sua terra que precisa ser cultivada por ele mesmo. Em Christopher H.M. Blumberg, *Kid - Ein Jungenschicksal aus Brasilien* (Berlin: Scherl 1935), um dos dois heróis juvenis vive uma vida de aventuras livre e perece no fim, morto por um cavalo, enquanto o outro se prepara para a carreira como fazendeiro. Em Eduard Christophé, *Abenteuer am Schwarzen Fluß* (Reutlingen: Enßlin und Laiblin 1941), um grupo de trabalhadores num projeto de barragem tem de lutar contra inimigos dos seus projetos e, por fim, em Hans

Eduard Dettmann, *Abenteuer in Brasilien* (Berlin: Limpert 1942), dois jovens hitleristas (a Juventude Hitlerista era a organização juvenil dos nazistas para a educação ideológica dos jovens), um brasileiro que foi convidado por seus amigos a visitar a Alemanha e um alemão vivem aventuras no Brasil e fazem propaganda direta das ideias nazistas entre os colonos. Eles fazem de tudo para voltar para a Europa e tornarem-se soldados na guerra. A solidariedade com o próprio povo aparece ligada a uma moral quase intrínseca dos jovens patriotas que se revela em todas as ocorrências como superiora e vencedora.

O novo aspecto temático dos livros a partir de 1933 é o fato de eles acentuarem mais os motivos ideológicos e a visão dos alemães como circundados de inimigos. O interesse pelo Brasil serve mais para ilustrar a suposta adesão incondicional de colonos a convicções comuns a todos os alemães e que coincidem com a ideologia nazista. Um desses aspectos era a ideologia campesina de viver para a sua terra, motivo já frequente antes de 1933. Os livros depois de 1933, porém, não foram obras escritas a partir de uma encomenda motivada politicamente. Havia com certeza uma tentativa de controle dos livros publicados para jovens na época nazista (Aley, 1967), mas essa continuidade de temas antes e depois de 1933 é notável para valorizar a ideologia dos livros.

Portanto, a maioria dos alemães no Brasil era também crítica perante a política nazista alemã, que podia colocar em perigo a necessária convivência com os brasileiros no país. Havia grupos de jovens que apoiavam os nazistas, como os do *Deutsch-brasilianische Jugendring* (1934-1938), depois proibido, como todas as entidades não brasileiras pelas leis do Estado Novo de Getúlio Vargas, mesmo sendo minoritárias. O *Jugendring* só publicou uma revista, *Die Kameradschaft, Zeitschrift des Deutschbrasilianischen Jugendringes* (DBJ), de 1936 a 1938.

Conclusão

A nossa análise mostrou várias tendências importantes para a avaliação da literatura infantojuvenil em geral, não só em relação aos livros com temas brasileiros. Apesar do fato de referir-se a um esquema bastante rígido de temas e enlaces temáticos (sjužet), a literatura para jovens podia reagir a desenvolvimentos sociais. O tema da imigração alemã ao Brasil o mostra distintamente. Essa integração não só se faz no nível temático, mas afeta também a perspectiva narrativa: os livros refletem escolhas de elementos da realidade social, mas acrescentam uma perspectiva romântico-sentimental (Schoppe), crítico-realista (Avé-Lallemant) e, ao final, a visão mais desenvolvida da vida dos colonos nos livros do início do século XX. Com a época nazista, as ideias racistas vigentes são mais evidenciadas.

Falta aqui o espaço para ressaltar a importância das ilustrações para os livros, além de outro tema importante: as pequenas mudanças ideológicas e as transformações dos textos traduzidos para outras línguas (Émile Carrey–Johannes Baumgarten; Mayne Reid–Karl Müller; James Wells–A.Passow).

As outras literaturas têm várias outras características: nos livros anglo-americanos, ou predomina o aspecto aventureiro-psicológico da formação do jovem herói ou o aspecto missionário fortemente protestante usando por vezes elementos sentimentais. Os livros franceses são ou do gênero histórico ou do gênero aventureiro-psicológico.

Em relação ao público presumido, temos na maioria dos casos jovens adolescentes, masculinos, embora alguns livros sejam escritos para jovens mulheres. Temos um em que um grupo de mulheres faz uma viagem ao Brasil e encontra aventuras segundo o mesmo esquema dos livros para moços (Elizabeth Williams Champney, *Three Vassar Girls in South America*, Boston: Estes and Lauriat, 1884; Ilustração 8).¹⁸ Há alguns poucos livros que se dirigem a crianças menores de idade, centrando-se na vida típica de crianças de classe alta (Mary F. Nixon-Roulet [*Affonzo*] *our little Brazilian cousin*, Boston: L.C. Page, 1907). O livro é parecido com outros que apresentam a vida típica de crianças da burguesia em vários países e também na história). Temos um único com elementos fantásticos (Ludwig Hynitzsch, *Karlchen Knirps und sein Storchgespann*, Reisen u. Abenteuer. Band II: Knirps fährt nach Brasilien, Charlottenburg: Jugend-Verl 1920), em que um jovem viaja com cegonhas para

¹⁸ Disponível em <http://www.archive.org/details/vassargirlssam00cham>. Vassar College é uma escola de elite perto de Nova York.

viver aventuras nas guerras da independência sulamericana. Aventuras de crianças jovens parecem ser bastante improváveis no Brasil, só Marian Calhoun Legaré Reeves ([pseudônimo Fadette], *Sea drift*, Philadelphia: Claxton, Remsen & Haffelfinger, 1870) usa esse tema, juntamente com outros temas convencionais (o reconhecimento de uma criança perdida por seus pais, após viver entre os indígenas). O tema da viagem e de um país exótico como o Brasil simplesmente se adaptou mais a um público adolescente ou, segundo a fórmula muitas vezes utilizada em frontispícios alemães, “für die reifere Jugend” (“para a juventude mais madura”).

O Brasil como país em parte ainda inexplorado projeta um quadro favorável a aventuras em um ambiente exótico com índios e uma natureza exuberante. Na maioria dos casos, a mata virgem e a Amazônia apareciam como o campo ideal para o desenvolvimento psicológico de um jovem de classe média – ou alta, que tinha a necessidade de impor ainda sua personalidade. No entanto, o objetivo certamente não é a sobrevivência nem a adaptação às condições brasileiras, pois o país é um catalisador de faculdades que, para progredir, vai precisar na sociedade burguesa da respectiva pátria natal europeia ou norte-americana.

Faz parte da ideologia da época que o desenvolvimento moral do jovem herói (ou em poucos casos da heroína) sempre coincida com a adaptação a valores capitalistas que são vistos como moralmente universais e que se desvelem facilmente aos leitores no andamento da leitura. O sistema de valores interiorizados viajava sempre com os heróis europeus ou norte-americanos. As mulheres aparecem ou com um papel passivo (são salvas pelos homens) ou com uma ocupação, como nos livros ingleses, limitada ao meio que lhes cabia na vida social da classe alta: a religião (protestante) ou o cuidado da casa. Em poucos exemplos, há um papel mais proeminente, como nas discussões de mulheres no *Weihnachtsabende* de Julia Engell-Günther (que também se baseia num papel tradicional da mulher, em que, contudo, pelo menos lhes é dada a palavra) ou no livro de Bessie Marchant, em que o papel de Lois em *Lois in charge* é o de salvar a fazenda numa situação excepcional.

Apesar do pequeno número de títulos em sua totalidade, pode-se constatar que os livros mostram os desenvolvimentos da história geral do gênero na época: o Brasil é muitas vezes utilizado para evidenciar temas típicos da literatura infantojuvenil, sobretudo os mais originais. Isso certamente não impede que esses livros tenham como função maior transmitir também informações concretas sobre o país numa visão repleta de clichês, mas que também

leva em conta os desenvolvimentos sociais atuais escolhidos, deixando de lado as classes não dominantes e prejudicadas, como pessoas de cor, mulatos ou escravos.

Essa visão da literatura infantojuvenil corresponde aos limites que se refletem também na literatura para adultos da época: poucos livros tratam a escravidão como tema maior e, se o fazem, é numa ótica histórica ou sentimental e, mais raramente, abolicionista. Uma pessoa de cor nunca é o herói principal: alguns “bons negros” são amigos do herói nas novelas sentimentais, e alguns bons índios também prestam ajuda nas aventuras contra índios agressivos e arredios.

Os livros da literatura infantojuvenil ocupam um papel importante e até agora quase esquecido na história preliminar da literatura brasileira para crianças. Mesmo não sabendo se foram lidos no Brasil (temos poucas menções de que os exemplares eram disponibilizados em bibliotecas), podemos supor que justamente seu caráter, que se utiliza de uma ótica exclusivamente europeia ou norte-americana, tenha sido o estímulo para criar uma literatura infantojuvenil brasileira genuína, iniciada por Monteiro Lobato nos anos 20 do século XX.

Bibliografia

Os textos primários são mencionados no artigo.

Caso existam, foram dados nas notas os endereços de versões digitais (Data 26/08/2015).

Literatura secundária

Aley, Peter (1967), *Jugendliteratur im Dritten Reich*, Dokumente und Kommentare, Hamburg: Verl. f. Buchmarkt-Forschung.

Cortez, Maria Teresa (2003), “Entre o Bem e o Mal– a representação do Brasil na novela *Die Auswanderer oder die Hüttre am Gigitonhonha de Amalie Schoppe*”, *Portugal, Alemanha Brasil*, actas do VI. encontro luso-alemão, Braga: Univ. do Minho, vol. II, 103-120.

Forman, Ross G. (1999-2000), “When Britons brave Brazil, British imperialism and the adventure tale in Latin America, 1850-1918”, *Victorian studies, a journal of the Humanities, Arts and Sciences*, 42.1999-2000; número 3, 455-487.

Lajolo Marisa / Zilberman, Regina (1985), *Literatura infantil brasileira*, história e histórias, 2. ed., São Paulo: Ática.

Müller, Jürgen (1997), *Nationalsozialismus in Lateinamerika*, die Auslandsorganisation der NSDAP in Argentinien, Brasilien, Chile und Mexiko, 1931 – 1945, Stuttgart: Heinz Akad. Verl.

Nassen, Ulrich (1987), *Jugend, Buch und Konjunktur 1933 – 1945*, Studien zum Ideologiepotential des genuin nationalsozialistischen und des konjunkturellen "Jugendschrifttums", München: Fink.

Neumann, Gerson Roberto (2005), *Brasilien ist nicht weit von hier*, die Thematik der deutschen Auswanderung nach Brasilien in der deutschen Literatur im 19. Jahrhundert (1800-1871), Frankfurt am Main: Lang

Obermeier, Franz (2007), Robert Avé-Lallemant (1812-1884) und seine Brasilienbücher, *Jahrbuch Martius-Staden*, 221-240. Versão digital a traves de <http://macau.uni-kiel.de/content/below/index.xml>

Obermeier, Franz (2014), Jugendliteratur aus und über Brasilien im 19. Jahrhundert und zu Beginn des 20. Jahrhunderts. Zur Entstehung einer eigenständigen brasilianischen Jugendliteratur, em: Ludger Scherer /Roland Ißler (ed.), *Kinder- und Jugendliteratur der Romania: Impulse für ein neues romanistisches Forschungsfeld*, (Kinder- und Jugendkultur, -literatur und -medien: Theorie - Geschichte – Didaktik, 96), Frankfurt am Main: Lang 2014, p.369-403.

Schenda, Rudolf (1977), *Volk ohne Buch*, Studien zur Sozialgeschichte der populären Lesestoffe 1770-1910, München: Dt. Taschenbuch-Verl.

Staden, Hans, (2007), *Warhaftige Historia/Zwei Reisen nach Brasilien (1548-1555)/ História de duas viagens ao Brasil*, ed. crítica com facsimile por Franz Obermeier, trad. ao alemão moderno Joachim Tiemann, trad. ao portug.: Guiomar Carvalho Franco, Kiel: Westensee Verl.

Endereço do autor: obermeier@ub.uni-kiel.de

O presente artigo foi publicado pela primeira vez aqui em forma digital em 2016.
Direitos das ilustrações: da coleção do autor.

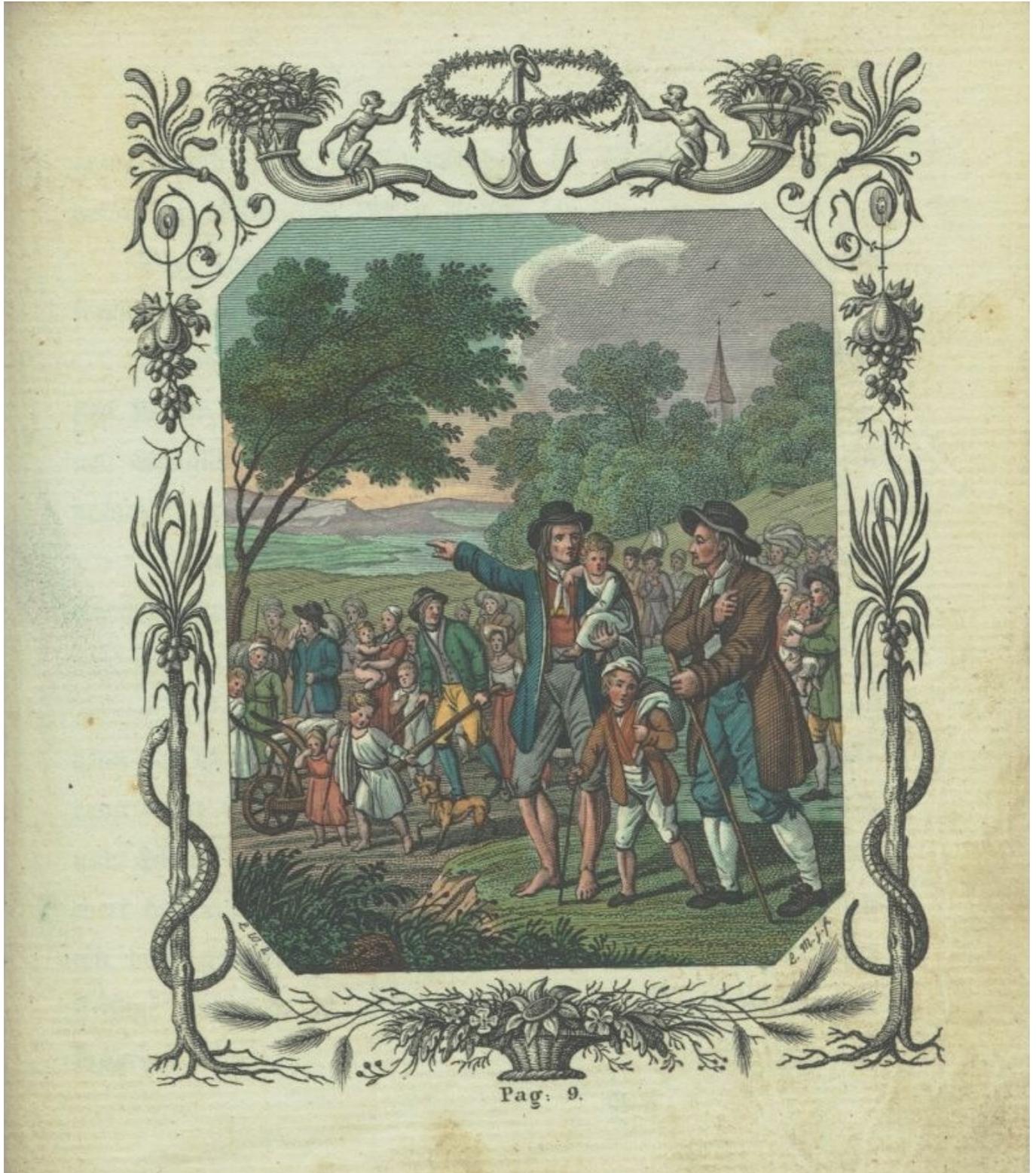
Agradecimentos

Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada no Congresso de Lusitanistas de Munique (München) em 2009. O texto não foi publicado na época. Agradeço os participantes para a discussão. Agradeço à Senhora Rosane Werkhausen Luersen da Universidade de Kiel (hoje Munich) e a Augusto Rodrigues, tradutor e escritor de São Paulo, pela leitura e correção do texto.

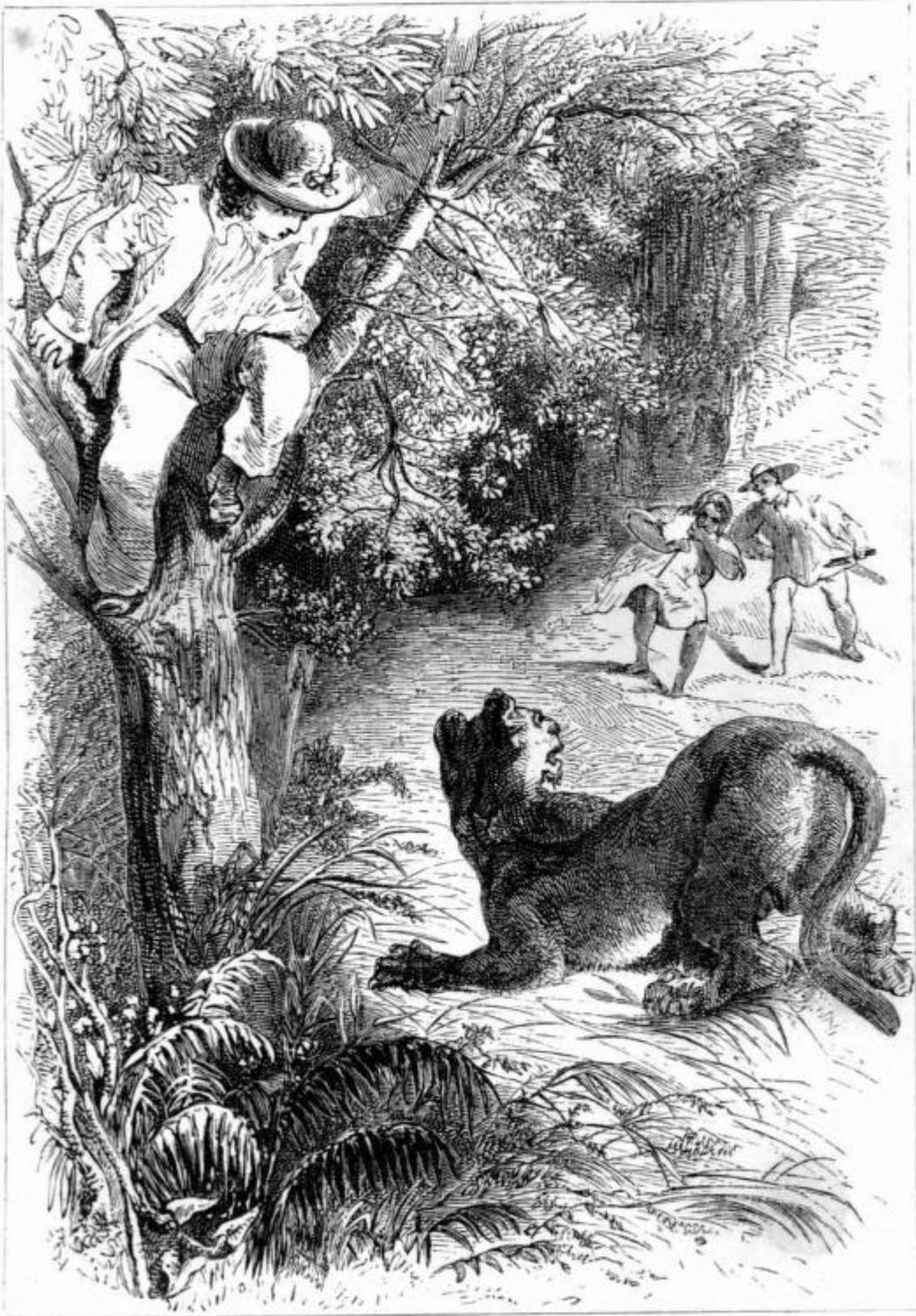
Ilustrações escolhidas

1

Amalia Schoppe *Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha* (Berlim: C.F. Amelang, 1828). O momento da emigração.



2

Thomas Mayne Reid, *The Forest Exiles* (1854). O jovem Leon resgatado.

LEON RESCUED FROM THE PUMA.— Page 232.

3

Julie Delafaye-Bréhier, *Les Portugais d'Amérique* (Paris: Lehuby, 1847), novela histórica para jovens leitores e adultos.



4

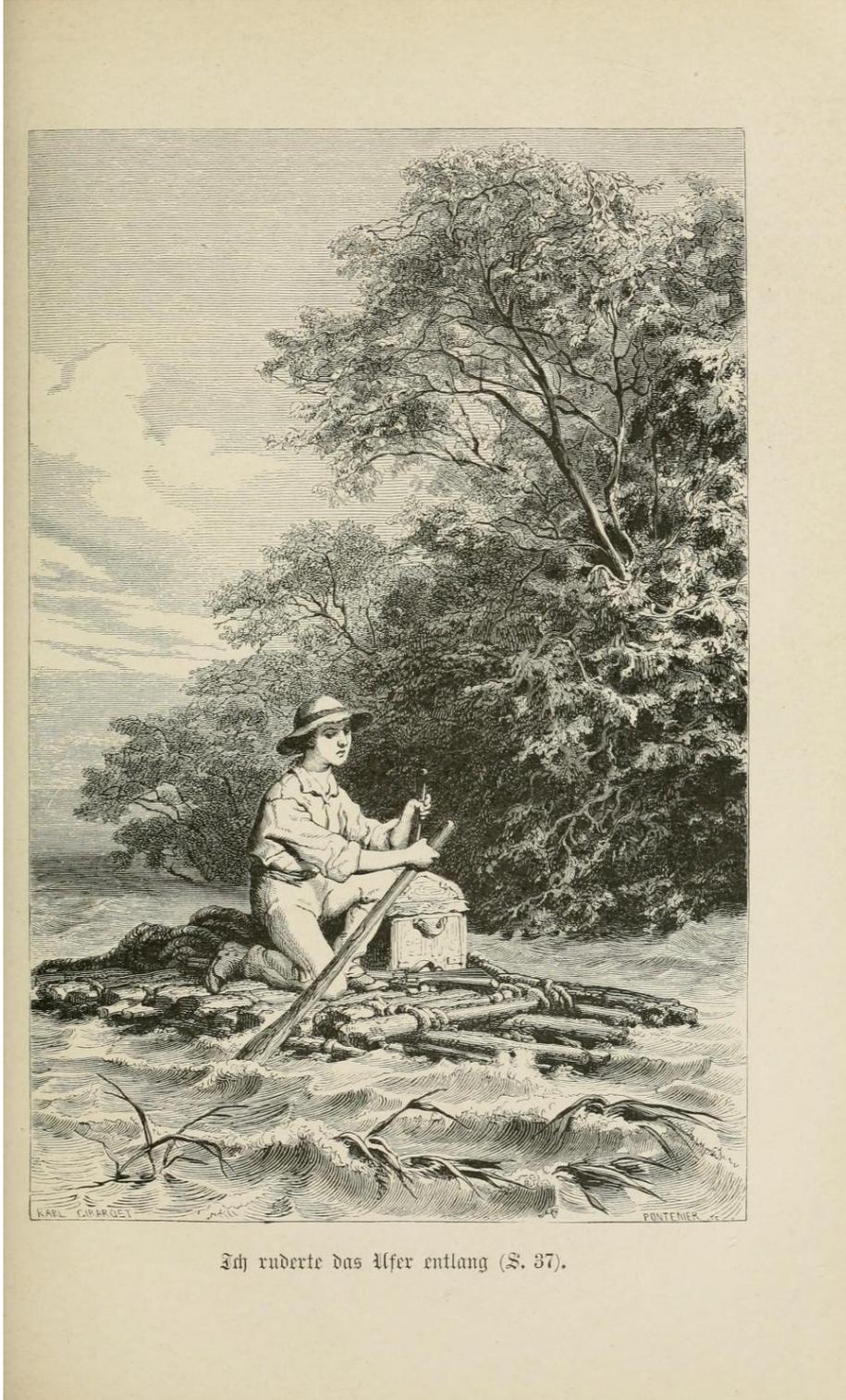
William Heard Hillyard, *The planter's son* (1861). A coragem de um jovem decide da sua vida futura. Ele vai ser adotado por um inglês .



THE JAGUAR.

5

Johannes Baumgarten, *Abenteuerleben in Guyana und am Amazonas nach Selbsterlebnissen von Émil Carrey, Bouyer, Jusselain, Agassiz u.a.* von Johannes Baumgarten (1^a edição, Stuttgart: Rieger, 1877, aqui a 2^a edição amplificada, Stuttgart, 1882). Livros de viagens autênticos servem como modelo de um livro para jovens.



6

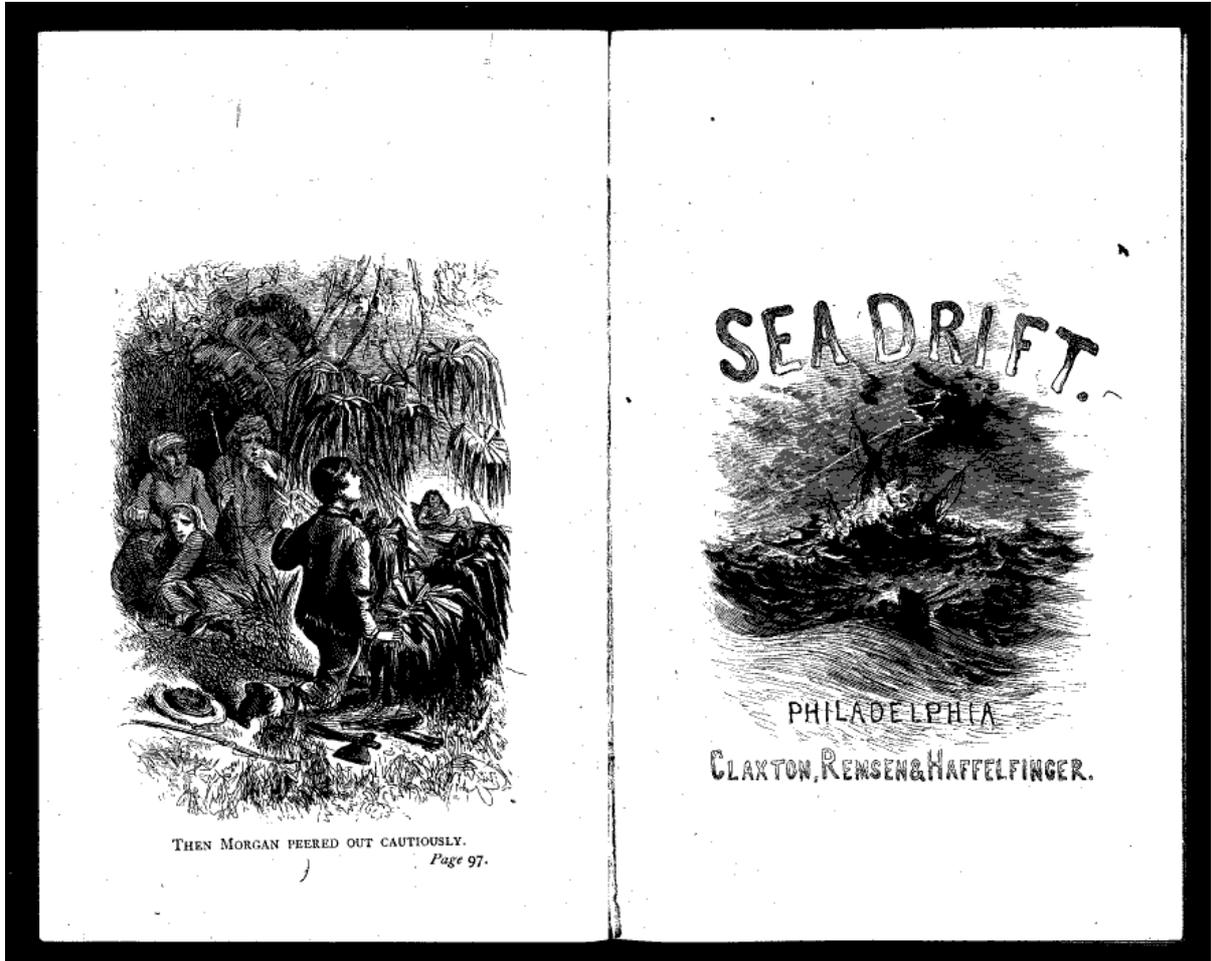
Mrs. D. P. Sanford, *The Captain's Children* (1880): As aventuras de crianças no Brasil.



SPEAKING THE SHIP.—Page 66.

7

Marian Calhoun Legaré Reeves [pseudônimo Fadette], *Sea drift* (Philadelphia: Claxton, Rensen & Haffelfinger, 1870). Aventuras de crianças e a propagação do protestantismo no Brasil.



8

Elizabeth Williams Champney, *Three Vassar Girls in South America* (Boston: Estes and Lauriat, 1884): Jovens mulheres dos Estados Unidos de uma escola para jovens ricas viajam para o Brasil.

